

ALIG: O LÉXICO NA LÍNGUA FALADA DE IGUATU

Fabiana dos Santos LIMA⁸³

RESUMO: ALIg é o Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu - CE que faz o registro da língua falada de Iguatu por meio de cartas linguísticas, produzidas através do método geolinguístico, como trabalho de conclusão do curso de Mestrado em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará (UFC). A partir desse atlas, fazemos uma síntese dos resultados alcançados, apresentando seus aportes teórico-metodológicos com base nos caminhos da Geolinguística pluridimensional. Assim o presente trabalho visa apresentar o resultado da pesquisa geolinguística na cidade de Iguatu-CE, destacando as peculiaridades do léxico dessa comunidade linguística, perante a dinamicidade da língua falada e todas as influências que esta recebe. Composto por 49 cartas linguísticas que recobrem 15 campos semânticos, o ALIg destaca principalmente os itens lexicais que apresentam maior variação lexical, as marcas regionais diferentes das variantes padrões ou comum em outras regiões, sugerida no QSL do Projeto ALiB (2001), e os itens lexicais que apresentam a melhor distribuição entre os informantes e nas sublocalidades. Além disso, o atlas ainda faz referência à variação fonética de alguns itens, por respeito a seus informantes e à legitimidade da pesquisa; a variantes de ordem flexional, seja ela de gênero ou grau, seja de tempo verbal, e às variantes que apresentam lexias simples, compostas e complexas. Dessa forma, o ALIg cumpre seu papel de ser um instrumento para documentar a história da língua e, ao mesmo tempo, dar pressupostos para alicerçar a política de ensino brasileira.


PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия. Geolinguística pluridimensional. Sociolinguística. Língua falada. Iguatu.

1. Introdução

O presente artigo objetiva-se a apresentar os resultados obtidos mediante a elaboração do Atlas Linguístico Léxico-semântico de Iguatu (ALIg), cidade da região centro-sul do estado do Ceará, o qual faz o registro da língua falada de Iguatu por meio de cartas linguísticas, produzidas através do método geolinguístico, como trabalho de conclusão do curso de Mestrado em Linguística, pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Esses resultados são produzidos com base nos aportes teórico-metodológicos do projeto ALiB (2001) e nos conceitos da dialetologia e da geolinguística pluridimensional, abordados por Aragão (1998), Camara Jr. (2004) e Radtke e Thun (1999).

Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – *campus* Quixadá, Ceará, Brasil. flimasantos@gmail.com.



Com isso, fazemos uma pequena análise, tendo como base os itens lexicais que apresentam maior variação lexical, as marcas regionais diferentes das variantes padrões ou comum em outras regiões, sugerida no QSL do Projeto ALiB (2001), e os itens lexicais que apresentam a melhor distribuição entre os informantes e nas sublocalidades. Fazemos referências, ainda, à variação fonética de alguns itens, por respeito a seus informantes e à legitimidade da pesquisa; às variantes de ordem flexional, seja ela de gênero ou grau, seja de tempo verbal, e às variantes que apresentam lexias simples, compostas e complexas.

Para finalizar nossas considerações, concluímos que o ALiG cumpre seu papel de ser um instrumento para documentar a história da língua e, ao mesmo tempo, dar pressupostos para alicerçar a política de ensino brasileira.

Assim apresentamos as cartas linguísticas citadas no corpo do trabalho em anexo.

2. Aportes teórico-metodológicos

Não há nada mais puro e genuíno na identificação da origem de um falante do que sua fala. Comumente identificamos cearenses, recifenses, baianos, paulistanos, mineiros, cariocas, paraenses e gaúchos simplesmente pela fala. Essa mesma situação é facilmente percebida no interior de cada estado. Exemplo disso é a diferença entre a região litorânea e a centro-sul do Ceará, onde a diferença fonológica entre o t [t], [tʃ] e o d [d], [dz] é notável.


Esse fenômeno é registrado por Aragão (1998) quando a autora explicita que o QFF⁸⁴, entre outras coisas, procura explicar a realização de determinados fenômenos em diferentes regiões, a saber:

A palatização do das consoantes /t, d/ em [tʃ, dz] antes da vogal anterior / i / ou depois da semivogal anterior / y / estudada pelas equipes dos Atlas Linguísticos da Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Sergipe e Paraná, é considerada uma marca dos Estados do Rio de Janeiro, Ceará e parte de Minas Gerais. (ARAGÃO, 1998, p.109)

Essa diferença é causa de relativo preconceito entre os falantes da capital e do interior, em que a realização dos sons [tʃ, dz] são prestigiados entre os litorâneos, enquanto os outros [t, d] são estigmatizados.

Com base nesta evidência, o ALiG foi produzido com o objetivo de documentar a linguagem regional falada no município de Iguatu, tanto na zona rural quanto na zona

⁸⁴ Questionário Fonético-Fonológico.



urbana, para confirmar as hipóteses de que o falar igatuense tem marcas lexicais que se distinguem entre rural e urbano, bem como seu léxico apresenta variações, além de diatópicas, diastráticas ou socioculturais, à luz da dialetologia, da sociolinguística e da geolinguística pluridimensional.

A localidade escolhida é um grande pólo sócio, econômico, político e cultural da região centro-sul do Estado do Ceará, rodeada por dez cidades que viabilizam seu desenvolvimento e que fica a 369 km da capital. Assim, devido ao grande fluxo de pessoas e ao forte investimento no desenvolvimento educacional da cidade, foi de grande valia registrar sua língua falada com o intuito de perceber as influências socioculturais na língua em seu cotidiano, distinguindo o falar regional do dialeto próprio do estado, com base na definição de Câmara Jr (2004, p. 95) entre dialeto e língua:


Do ponto de vista puramente lingüístico, os dialetos são falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços lingüísticos fundamentais. Entretanto, ao conceito lingüístico se acrescenta em regra um conceito extralingüístico de ordem psíquica, social ou política, isto é, a) a existência de um sentimento lingüístico comum, b) a existência de língua culta, superposta aos dialetos, que assim ficam limitados ao uso cotidiano, sem maior expressão cultural ou literária; c) a subordinação política das respectivas regiões como partes de um estado político nacional. Quando se verificam essas condições extralingüísticas, mas não a coincidência dos traços lingüísticos essenciais, já não se tem dialetos, mas línguas distintas.

Dessa forma, a pesquisa se desenvolveu tendo por base a metodologia empregada no ALiB⁸⁵(2001) que nos orientou desde a seleção dos pontos de inquérito até a apresentação das cartas linguísticas, bem como o arquivamento do material recolhido. Seguimos, ainda, os princípios da Geolinguística moderna, fazendo com que o registro seguisse os parâmetros diatópicos e diastráticos.

Assim, a pesquisa possui uma malha de 06 pontos de inquéritos, divididos em 04 pontos na zona urbana e 02 na zona rural. Em cada ponto, foram entrevistados 04 informantes, 02 do sexo masculino e 02 do sexo feminino, pertencentes a duas faixas etárias distintas, a primeira entre 18 e 30 anos, e a segunda entre 45 e 60 anos. Além de pertencerem à escolaridade entre sem nenhuma instrução e 9º ano do Ensino fundamental. Para o inquérito, utilizamos o QSL⁸⁶, que serviu de base para a

⁸⁵ Atlas Linguístico do Brasil.

⁸⁶ Questionário Semântico-Lexical.



identificação dos itens lexicais, e a ficha da localidade e do informante, na versão 2001, do projeto ALiB, que serviram de auxílio para informações adicionais, explicando a realização de determinados fenômenos.

Com isso, elaboramos um atlas linguístico composto de 49 cartas lexicais que recobrem 15 campos semânticos, destacando principalmente os itens lexicais que apresentam maior variação lexical, as marcas regionais diferentes das variantes padrões ou comum em outras regiões, sugerida no QSL do Projeto ALiB (2001), e os itens lexicais que apresentam a melhor distribuição entre os informantes e nas sublocalidades.

Além disso, o atlas ainda faz referência à variação fonética de alguns itens, por respeito a seus informantes e à legitimidade da pesquisa; a variantes de ordem flexional, seja ela de gênero ou grau, seja de tempo verbal, e às variantes que apresentam lexias simples, compostas e complexas. Como veremos a seguir.

3. Resultados

A pesquisa que seguiu os caminhos da Geografia Linguística pluridimensional tinha como objetivo fundamental documentar a linguagem regional falada nessa localidade, tanto na zona rural quanto na zona urbana, para confirmar as hipóteses de que o falar igatuense tem marcas lexicais que se distinguem entre rural e urbano, bem como seu léxico apresenta variações, além de diatópicas, diastráticas ou socioculturais, dando origem ao ALIg como foi supracitado.

As observações mediante os resultados obtidos no ALIg foram feitas com base na teoria da variação geolinguística pluridimensional, abordada por Radtke e Thun (1999). Contudo não deixamos de usar os conceitos da dialetologia tradicional, bem como da sociolinguística.

Assim, dentre os campos cartografados, os que mais se sobressaíram foram *fenômenos atmosféricos* e *fauna*, com 07 cartas cada, *atividades agropastoris*, com 06, e *corpo humano* e *convívio e comportamento social*, com 05 cada um. Os demais campos foram contemplados com no máximo 03 cartas.

Em relação à estrutura lexical das variantes, pudemos encontrar na sua grande maioria lexias simples e complexas, e poucas variantes com lexias compostas.

Com base nos critérios de seleção dos itens, entre aqueles que apresentam maior variação lexical, encontramos os seguintes: o de maior variação é a carta 33

(PROSTITUTA)⁸⁷, com 12 variações, seguido da carta 31 (PESSOA TAGARELA), com 10, e das cartas 17 (TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA) e 32 (PESSOA SOVINA), ambas com 08. Contudo, 50% do atlas apresentam cartas com variações entre 05 e 07 itens. Vale ressaltar que as duas cartas com maiores variações estão dentro do campo semântico *convívio e comportamento social*.

Quanto aos itens obtidos com marcas regionais, diferentes das variantes padrões ou comum em outras regiões, sugerida no QSL do Projeto ALiB (2001), foram elaboradas 10 cartas, identificadas pela numeração 04 (TROMBA D'ÁGUA), 12 (PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/UMBIGO/CORAÇÃO), 15 (BOLSA/ BRUACA), 16 (PICADA/ATALHO), 24 (LIBÉLULA), 35 (TOCO DE CIGARRO), 38 (FEITIÇO), 44 (FULIGEM), 45 (CURAU) e 46 (GLUTÃO). Conforme quadro abaixo:

Quadro 1 – Carta-conceito e suas marcas regionais

Carta – Conceito	Itens obtidos
04 - TROMBA D'ÁGUA	Chuva Passageira – Tempestade - Chuva Forte - Chuva Grossa - Dilúvio - Chuva de Vento - Trovoada
12 - PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/UMBIGO/CORAÇÃO	Mangará – Maracá
15 - BOLSA/ BRUACA	Mala -Mala de couro – Bornó – Boge – Saco - Surrão
16 - PICADA/ATALHO	Vareda - (Abre) Caminho – Mato – Trilha – Pique
24 – LIBÉLULA	Mané cachimbo – Mergulhão - Mané Mago
35 - TOCO DE CIGARRO	Coxia – Filtro - Ponta/Ponta de cigarro – Bituca - Pé de cigarro - 6 – Cotoco – Resto
38 – FEITIÇO	Macumba/Macumbeiro - Despacho – Mandiga – Galinha preta – Bruxaria – Armadilha – Catimbó
44 – FULIGEM	Tucumã – Fumaça – Carvão
45 – CURAU	Angu – Canjica – Mingau
46 – GLUTÃO	Guloso(a) – Comelão – Esfomeado – Gulosão – Comedor


⁸⁷ Todas as cartas mencionadas poderão ser localizadas nos anexos.

Já em relação à melhor distribuição entre os informantes e nas sublocalidades, podemos citar as seguintes cartas: 03 (REDEMOINHO (DO VENTO)), 09 (ORVALHO/SERENO), 11 (ANOITECER), 17 (TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA), 22 (ANCA/GARUPA/ CADEIRA), 23 (MANCO), 31 (PESSOA TAGARELA), 32 (PESSOA SOVINA), 33 (PROSTITUTA), 34 (BÊBADO), 35 (TOCO DE CIGARRO), 36 (DIABO), 38 (FEITIÇO), 43 (VASO SANITÁRIO/PATENTE) e 46 (GLUTÃO). Não podemos negar que as cartas que apresentam maiores variações lexicais, são também as que melhores distribuem seus itens.

Outro ponto que devemos considerar é a variação fonética que alguns itens apresentam. Apesar de o atlas ser semântico-lexical, não poderíamos deixar de fazer esse registro, em respeito aos nossos informantes e à legitimidade da pesquisa. Sendo assim, nas cartas em que registramos essa variação, foi selecionado um único símbolo para identificar tal fato.

As cartas que apresentam essa variação são: 06 (CHUVA DE PEDRA), em que a variação se estabelece entre *granito* e *granizo* [gPã'nitu – gPã'nizu]; 07 (GAROA), entre *neblina*, *leblina* e *lebrina*; [nE'blîna - lE'blîna - lE'brîna]; 08 (TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA), *ensombrada* e *sombrada*; [êsõ'brada – sô'brada]; 12 (PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/ UMBIGO/CORAÇÃO), entre *mangará* e *maracá*; [mǎga'ra - ma'ra'ka]; 17 (TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA), onde só aparece *vareda*, variação de *vereda*; [va'reda – ve'reda]; 23 (MANCO), entre *coxo* e *concho*; ['kofu – 'kõfu]; 26 (CISCO), em que aparece a forma lexical *algueiro*, provável variação de *argueiro*; [aw'gejru - af'gejru]; 27 (VESGO), entre *zanoi* e *zarolho*, também provável variante de *zanolho*; [zâ'noju – za'rolu – zâ'no'lu]; 34 (BÊBADO), onde há duas variantes, uma entre *bêbado* e *bebo* e a outra entre *alcoólatra* e *alcoólico*; ['bebadu – 'bebu – aw'kolatra – aw'koliku] e 42 (TRAMELA), entre *trava* e *trave*; [trava - travi].

Há ainda variantes de ordem flexional, seja ela de gênero ou grau, seja de tempo verbal. As cartas que apresentam variantes de gênero são as 14 (*cesto(s)/cestras*) e 31 (*falador/faladeira*). As variantes de grau são as 11 (*boca da noite/ boquinha da noite*) e



30 (*garoto/garotinho*). Ainda na carta 11, encontramos a variações de tempo verbal (*anoitecer/anoitece/anoiteceu*).

Em maior número estão as variantes entre lexias simples, compostas e complexas como podemos observar nas cartas 03 (*redemoinho/moinho de vento*), 07 (*garoa/ está garoando*), 09 (*sereno/sereno da noite*), 11 (*noite/está de noite*), 15 (*mala/mala de couro*), 17 (*abre caminho/ caminho aberto*), 19 (*cotó/galinha cotó*), 35 (*ponta/ ponta de cigarro*) e 41 (*pega-pega/pega*).

A hipótese de que o falar iguatense tem marcas lexicais que se distinguem entre rural e urbano não foi comprovada, entretanto 03 (três) cartas apresentadas chamam a atenção para esse fato por não termos obtido nenhuma informação produtiva acerca dos itens inquiridos. Na carta 02 (REDEMOINHO (DE ÁGUA)), a ZR01 não apresenta nenhum item lexical, enquanto a ZR02 apresenta apenas, diferentemente dos pontos urbanos em que a produtividade foi bem maior. O mesmo acontece na carta 10 (ALVORADA), sendo que nenhum informante da zona rural soube responder. Quanto à carta 13 (CANGA), o inverso acontece, o ponto ZU03 é que não apresenta resposta produtiva.

Em linhas gerais, a proximidade entre a zona rural e a zona urbana é bem forte, mas as maiores diferenças notadas, ao analisar as cartas, diz respeito justamente ao convívio dos informantes com os meios de comunicação de massa, em especial a televisão, e com pessoas que possuem maior nível sociocultural.

4. Considerações finais

Numa síntese geral sobre os parâmetros diatópico e diastrático, citados por Radtke e Thun (1999), salientamos que o ALIg contempla tais parâmetros, principalmente, na representação diageracional, bem como diassexual, uma vez que os dados são de fácil compreensão, identificados através da cruz com os símbolos em cada ponto e da legenda que nos orienta. Com base nesses dados, podemos afirmar, ainda, que a produtividade feminina é maior do que a masculina, enquanto a 2ª faixa etária (45-60) produz mais do que a 1ª (18-30).

Sendo assim, destacamos que em breves palavras expusemos o alcance de nossos objetivos enumerados em analisar as variações lexicais de Iguatu entre sua zona rural e urbana, elaborar cartas linguísticas semântico-lexicais e oferecer subsídios importantes para a pesquisa geolinguística no Brasil e para os estudos da Língua Portuguesa falada, registrando e analisando de forma sistemática a realidade linguística local (cearense) no

tocante à difusão de um ensino adequado ao caráter pluricultural do Brasil, uma vez que um atlas não se constitui apenas em cartografar os falares de uma região, mas em fazer uma pesquisa linguística variacionista, documentar a história da língua e dar pressuposto para alicerçar a política de ensino.

A partir deste estudo será possível subsidiar outros atlas, elevando, assim, o maior conhecimento dos falares regionais nordestinos, especialmente o do Ceará.

5. Referências bibliográficas

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Atlas Linguístico da Paraíba. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). **A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora UEL, 1998, p. 55-77.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001**. Londrina : Ed. EUL, 2001.

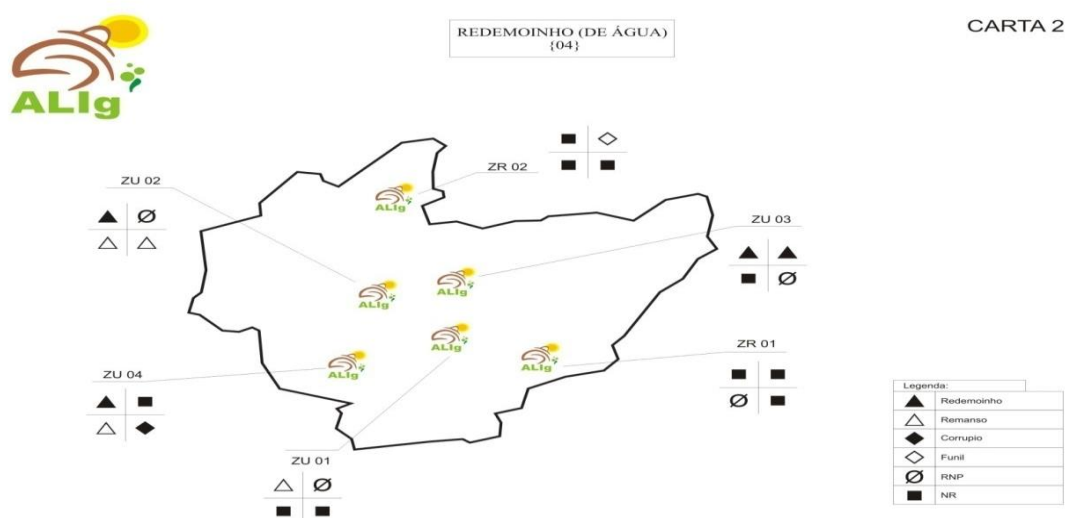
FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

IGUATU. Prefeitura Municipal. **A cidade**. Iguatu, 2007. Disponível em <<http://www.iguatu.ce.gov.br/>>. Acesso em 27 fev. 2008.

IPECE. **Perfil Básico Municipal: Iguatu**. Fortaleza: SEPLAG, 2007.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolinguística românica: um balanço. In: **Cadernos de tradução**, nº 05. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

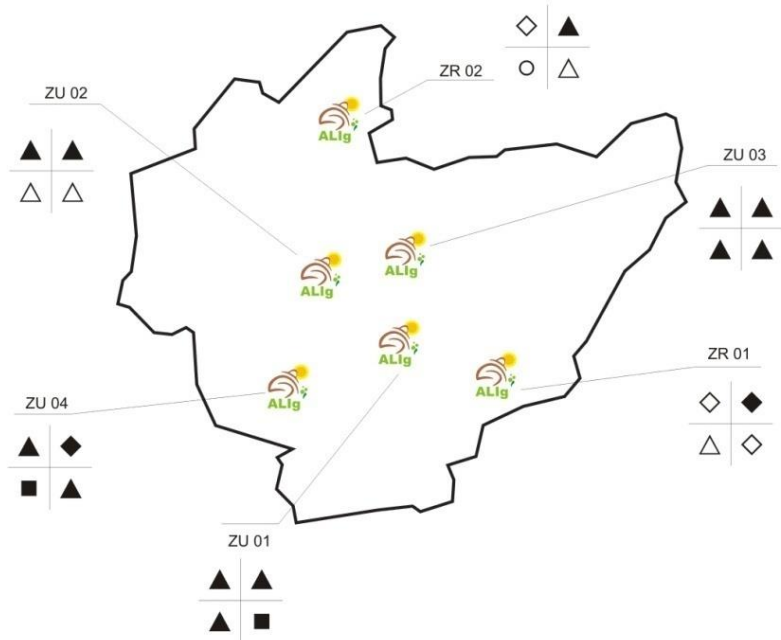
6. Anexos





CHUVA DE PEDRA
{15}

CARTA 6



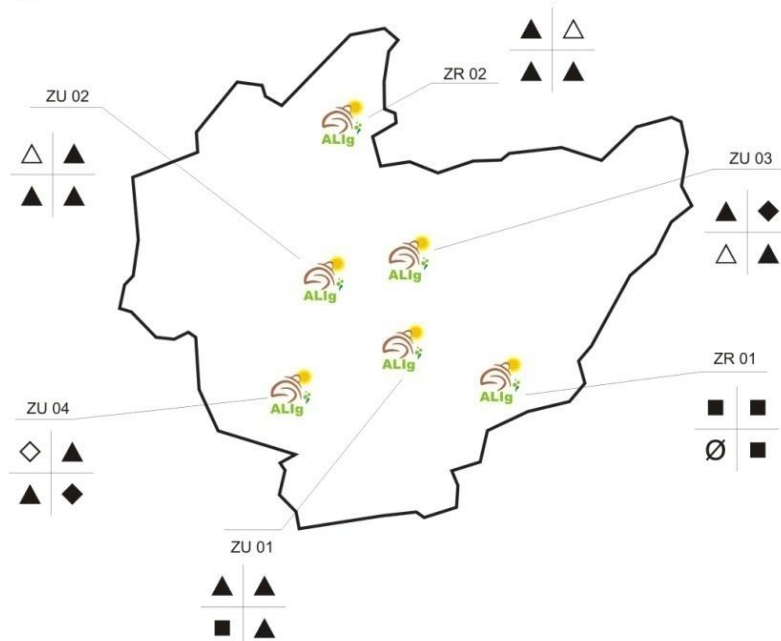
Legenda:

▲	Granito/Granizo
△	Chuva de pedra
◆	Chuva de neve
◇	Chuva de gelo
○	Pedra de gelo
■	NR



REDEMOINHO (DO VENTO)
{07}

CARTA 3



Legenda:

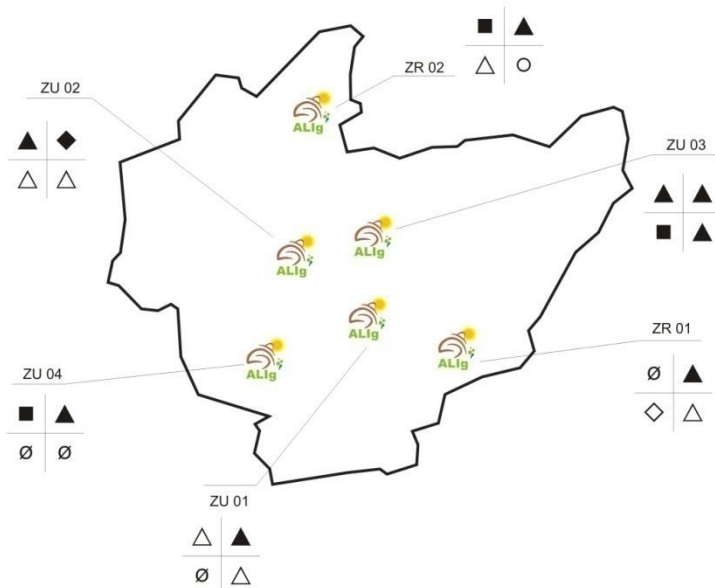
▲	Redemoinho/Vento de Moinho
△	Ventania
◆	Vendaval
◇	Furacão
■	Aracati
□	Funil





TERRA UMEDECIDA PELA CHUVA
{19}

CARTA 8

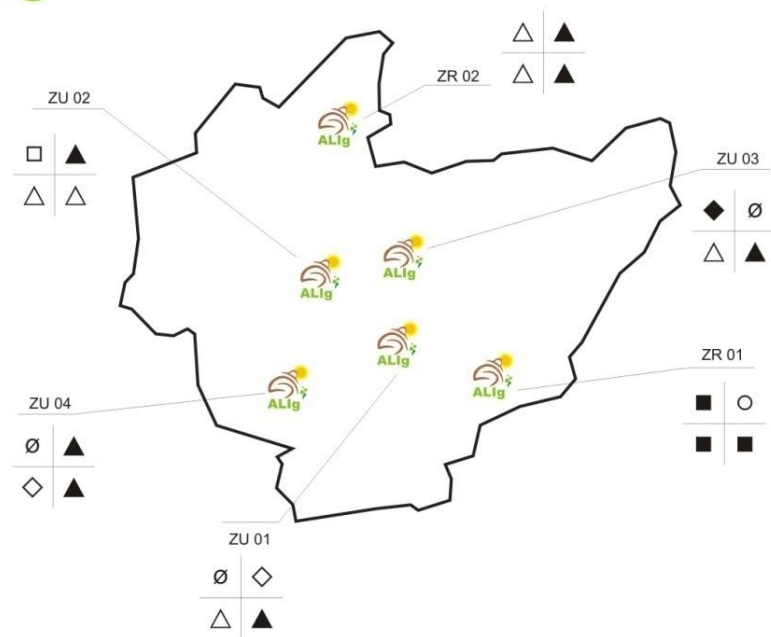


Legenda:	
▲	Úmida
△	Ensombreada/Sombrada
◆	Enchuvalhada
◇	Turvada
○	Zarolha
∅	RNP
■	NR



ORVALHO / SERENO
{20}

CARTA 9

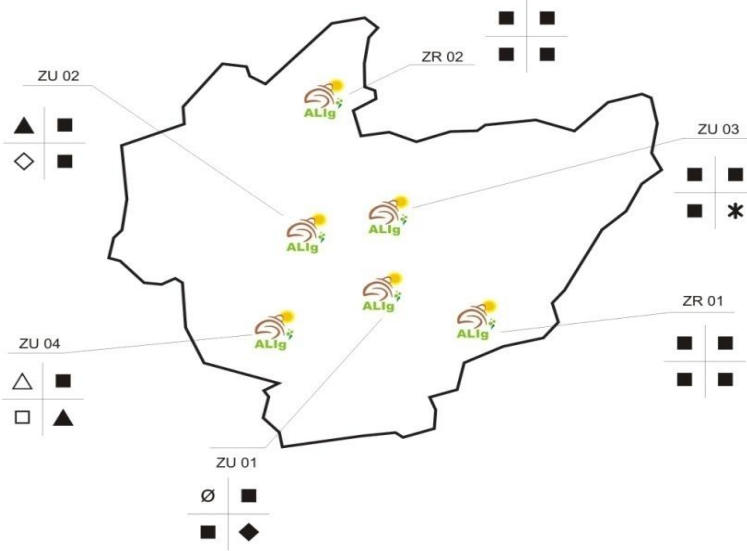


Legenda:	
▲	Sereno / Sereno da noite
△	Orvalho
◆	Garoa
◇	Neve
□	Ar molhado
∅	RNP



ALVORADA
{24}

CARTA 10

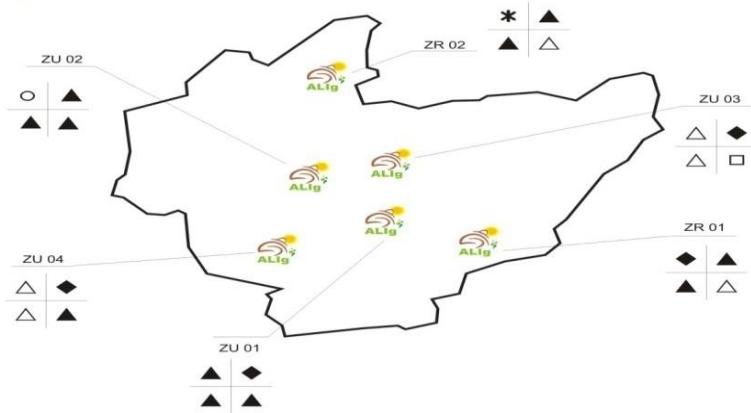


Legenda:	
▲	Madrugada
△	Alvorada
◆	Clarear do dia
◇	Barra quebrando
*	Sol saindo
□	Sol vermelho
○	Aurora
■	NR
∅	RNP



ANOITECER
{28}

CARTA 11



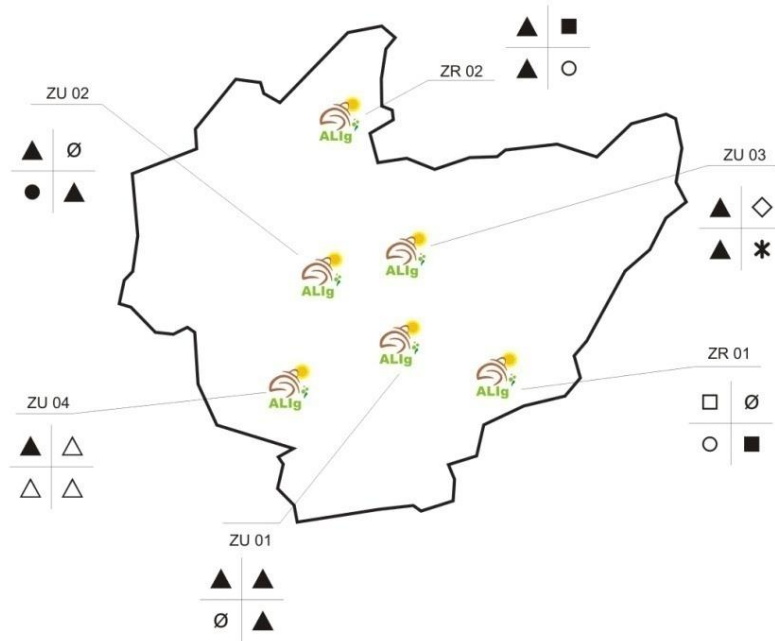
Legenda:

▲	Boca da noite / Boquinha da noite
△	Anoitecer/Anoitece/Anoiteceu
◆	Noite / (está de) Noite
◇	Noitinha
*	Tardezinha
□	Começo da noite
○	Escurecer



TRILHO/CAMINHO/VEREDA/TRILHA
{63}

CARTA 17



Legenda:

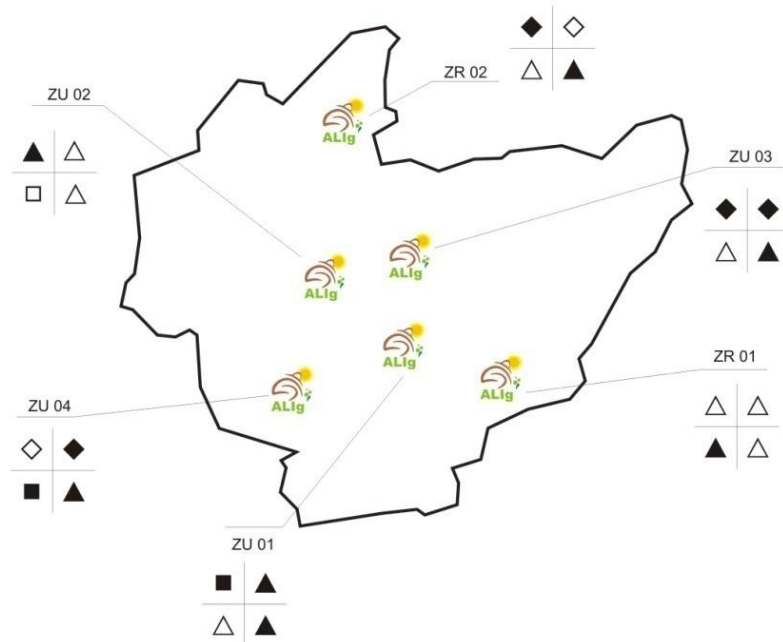
▲	Varedeira
△	(Abre) Caminho / Caminho Aberto
◆	Pisada
◇	Passarela
*	Abriu a estrada
□	Passagem
○	Caminho da roça
●	Cravado
■	NR
∅	RNP





ANCA/GARUPA/CADEIRA
{76}

CARTA 22



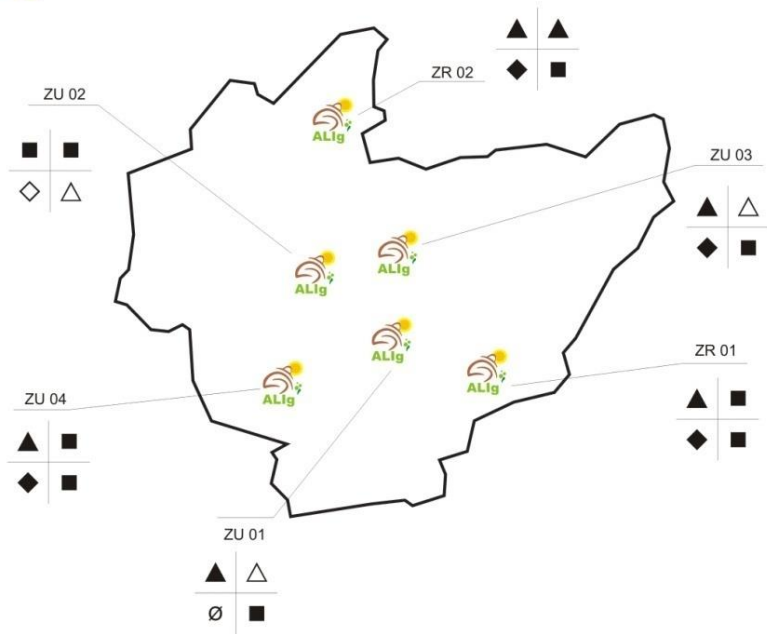
Legenda:

▲	(Os) Quartos
△	Garupa
◆	Bunda
◇	Traseiro(a)
□	Quadril
■	NR



MANCO
{82}

CARTA 23



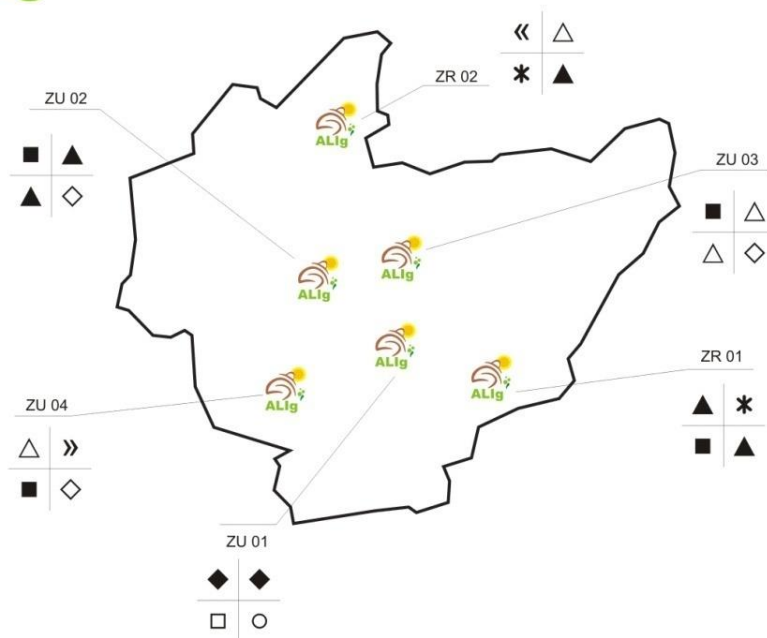
Legenda:

▲	Aleijado
△	Manco
◆	Coxo / Concho
◇	Coló
○	Zambeto
■	NR
∅	RNP



PESSOA TAGARELA
{136}

CARTA 31



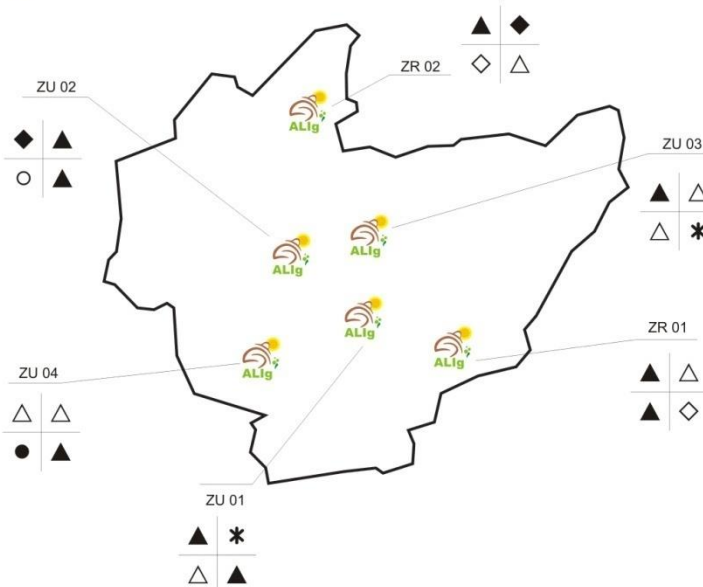
Legenda:

▲	Falador/Faladeira
△	Tagarela
◆	Fuxiqueira
◇	Linguardo(a)
*	Badalenta
□	Fofoqueira
○	Zuadenta
●	Papagaio
»	Conversadeira
«	Gasguita
■	NR



PESSOA SOVINA
{138}

CARTA 32



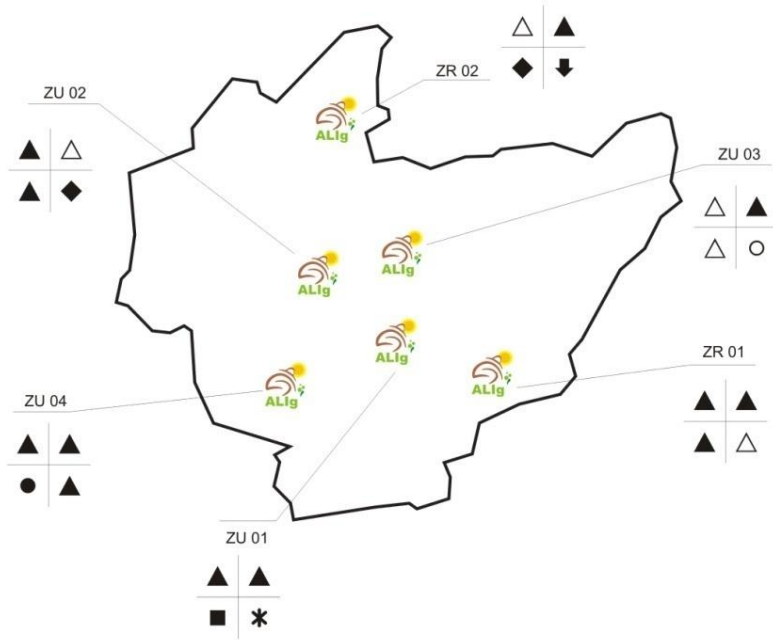
Legenda:

▲	Miserável
△	Mão-de-vaca
◆	Pão-duro
◇	Agarrado
*	Seguro
□	Eureca
○	Sovina
●	Mesquinha



PROSTITUTA
{142}

CARTA 33



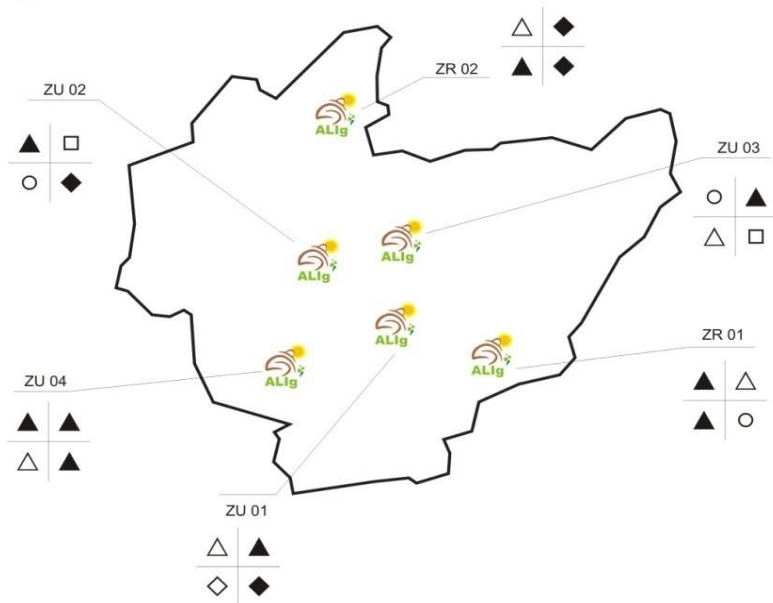
Legenda:

▲	Prostituta
△	Rapariga
◆	Mulher de programa
◇	Quenga
*	Mulher solteira
□	Mulher à toa
○	Leviana
●	Meretriz
»	Putá
«	Bandida
↑	Galinha
↓	Puara
■	NR



BÊBADO
{144}

CARTA 34



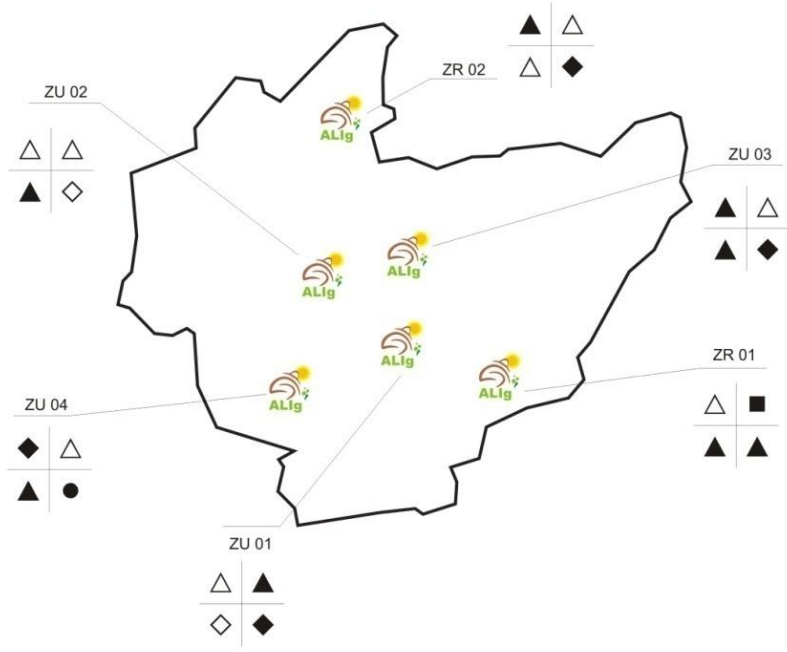
Legenda:

▲	Bêbado/Bebo
△	Alcoólatra/alcoólico
◆	Cachaceiro
◇	Pinguço
○	Bebão
□	Beberão
●	Embragado



TOCO DE CIGARRO
{146}

CARTA 35



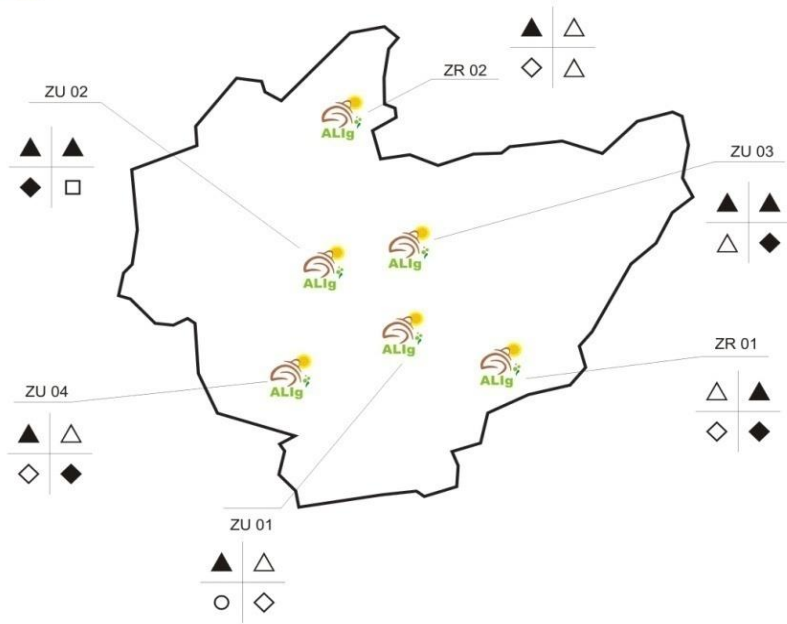
Legenda:

▲	Coxia
△	Filtro
◆	Ponta/Ponta de cigarro
◇	Bituca
○	Pé de cigarro
□	Cotoco
●	Resto
■	NR



DIABO
{147}

CARTA 36



Legenda:

▲	Diabo
△	Cão
◆	Satanás
◇	Demônio
○	Do mal
□	Bicho velho
●	Capeta

